

2º CAPÍTULO

O AMBIENTE DE UMA PEQUENA VILA

Olhão é uma pequena faixa de terra com 43 quilómetros quadrados, situada em frente ao mar entre Faro e Tavira. Foi habitada muitos séculos atrás, por diversos povos, os visigodos, os romanos, os mouros.

A visão de Olhão, com as suas casas em feitiço de cubo e as açoteias a resplandecerem a brancura da cal, surpreende aqueles que pela, primeira vez entram na vila e encaram com o seu aspecto típico e exótico. Gilberto Freire, no seu livro “Aventura e Rotina”, nota surpreendido: “O Algarve já é um tanto África-África do Norte. E quem chega a Olhão e vê a cidade do alto, não hesita em considerar-se sobre o choque da primeira impressão, na mais pura África do Norte. O que surpreende o estrangeiro, é que se fale aqui português e se adore Deus sob a forma cristã e não sob a forma maometana.”

O erudito germânico Paul Stefan, ao estudar as casas e a paisagem olhanense afirma. “Olhão é uma terra como certamente não se encontra outra na Europa.”⁽⁸⁾

A vila contava em 1918, com 3.217 fogos e uma população de 10.050 pessoas. A pesca e a actividade das fábricas de conserva, os seus estaleiros para construção e reparação de barcos, o seu porto com centenas de embarcações, davam a esta vila uma viva animação. Era uma terra cujas ruas tinham sempre um grande movimento de gente.

Júlio Pinto, escritor e antigo governador do distrito escrevia: “ No meio da modorrenta pachorra algarvia, Olhão afigura-se-nos uma colmeia zumbante de vida e trabalho. Na vida económica da província é uma nota que ressalta, mais vibrante de vitalidade e energia.”⁽⁹⁾

Esta terra favorecida por um agradável clima, mesmo na época invernos, sofria contudo de dificuldades de transportes e comunicações com os grandes centros. Só em 1924 aparecem os dois primeiros telefones ligados a Faro. As estradas eram intransitáveis. Não havia carreiras de camionetes para as

(8) Francisco Fernandes Lopes - “Olhão, Terra de Mistério, de Mareantes e de Mirantes.”
Separata do Correio Olhanense - Olhão 1948

(9) Júlio Lourenço Pinto - “O Algarve” - Livraria Portuense - 1894

localidades vizinhas. Só se efectuavam dois comboios por dia para Faro e em certos mêses estes eram suprimidos, por medida de economia.

Havia muita pobreza. Os salários eram baixos. O analfabetismo era o mais elevado do país, rondava os 80%. Não existia um sistema de esgotos, o sangue e os desperdícios de peixe e todo o lixo sólido e líquido das casas particulares, era lançado para as regueiras da rua, que deslizavam para a Ria Formosa. Toda esta sujidade causava um horrível mau cheiro e atraía os cães e as moscas. Não havia electricidade. António Jacinto Ferreira teve ocasião de escrever: “Antes de 1924 a vila infundia pavor e tristeza, mergulhada na escuridão, pois a iluminação a petróleo era fraca e escassa.”⁽¹⁰⁾

A limpeza das ruas, só era feita na véspera de por lá passar alguma procissão. Fora disso, esperava-se por uma boa chuvada.”⁽¹¹⁾”Nos meios médicos sanitários de Portugal, Olhão era então conhecida, considerada e apontada, como um dos maiores focos nacionais de algumas doenças, como a lepra, a cólera, as tifóides, a varíola, a tuberculose e a tracose, todas ali praticamente endémicas. Acima de tudo notava-se a ausência de quaisquer infra-estruturas, ainda as mais elementares, que permitissem à população, os mais comezinhos cuidados de higiene individual e colectiva.”⁽¹²⁾

Em 1918, ano em que chegou a Olhão a vida era difícil. A epidemia da pneumónica tinha causado numerosas vítimas. O fim da guerra vem aumentar o preço dos géneros. Surgem greves, que geram conflitos e confrontos físicos. A Câmara Municipal despede trabalhadores, e o salário daqueles que ficam é diminuído. Os comerciantes reúnem-se e dizem que não podem pagar as contribuições e pedem facilidades de pagamento. Os bancos que tinham sofrido pesados prejuízos, abandonam Olhão.

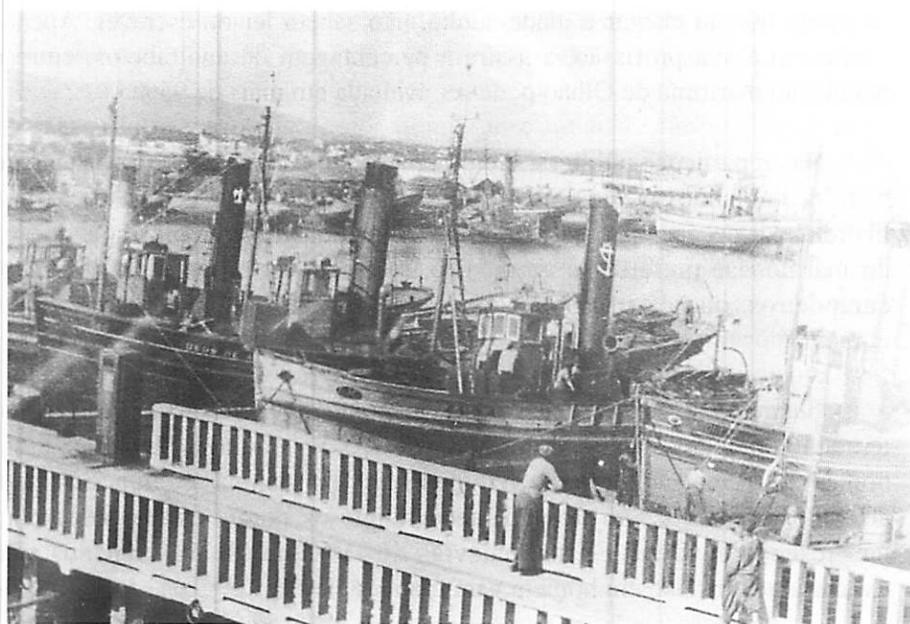
“Havia famílias que compravam três tostões de café, para tingir a água, para se ter a ilusão de que se tomava o pequeno almoço. Em dias de grande penúria, no Inverno, quando escurecia mais cedo, nem sempre havia dois tostões para comprar petróleo para o candeeiro.”⁽¹³⁾

(10) António Jacinto Ferreira - Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sport. Clube Olh. - 1979 N°293

(11) João Villares - “Dr. Manuel Ramires - O Homem e o Medico”
Edição da Câmara Municipal de Olhão - 1991

(12) Antero Nobre - “Breve História da Vila de Olhão da Restauração” - Olhão 1984

(13) João Villares - “A Vida em Olhão no Tempo do Padre Delgado” - 2ª Edição
Seminário Episcopal de S. José - Faro 1990 - Distribuidora em Olhão - Livraria Clinar.



UM ASPECTO PARCIAL DO PORTO DE PESCA DE OLHÃO, E
NO PRIMEIRO PLANO ALGUNS GALEÕES.

Depois de em breves traços termos apontado a situação económica da vila, é interessante ver como alguns escritores dessa época caracterizam o marítimo e o pescador. Claro Outeiro, capitão do porto de Olhão, em contacto directo com eles diariamente, escreve: “Destemido e arrojado no mar, o marítimo de Olhão, é de ânimo fraco, cheio de receios. Se está em terra, se recolhe tarde a casa tem medo das bruxas e fantasmas, sendo por vezes necessário que as mulheres os vão acompanhar para lhes diminuir o terror que os domina.

Excessivamente religiosos, disputam com afincio, oferecendo donativos, em honra de conduzir aos ombros, os andores nas procissões, principalmente a do Senhor dos Passos e Senhora do Rosário, imagens pelas quais tem grande devoção.

Os filhos não vão à escola.. Ninguém da família pensa. em lá manda-los, de modo que ao chegar à idade adulta, não sabem ler ou escrever. Apenas conhecem a sua profissão, e assim a percentagem de analfabetos, entre a população marítima de Olhão pode ser avaliada em mais de 95%.

Nas repartições públicas, é em geral a mulher que expõe as razões do marido, limitando-se este a confirmar as suas palavras, deixando-lhe toda a liberdade de acção. E até por vezes, é ela quem descreve ao médico a doença do marido. De preferência ao médico, recorrem às mulheres de virtude e curandeiros, que os tratam de doenças a que dão os mais extravagantes nomes.”⁽¹⁴⁾

“O arrojo do pescador de Olhão é único no Algarve. A sua audácia não tem aqui comparação. É feito de fibras de aço. Este homem de Olhão, é um homem à parte no Algarve. Se veio de Ílhavo não sei, mas é o único homem arrojado desta costa. São profundamente religiosos, porque estão a toda a hora na presença de Deus.” Estas palavras do Dr. Leite de Vasconcelos, são expressivas pois não era homem para grandes elogios.”⁽¹⁵⁾

Por sua vez, Raúl Brandão diz o seguinte sobre estes pescadores : “ O marítimo de Olhão tem, como nenhum outro um grande sentimento de igualdade; estende a mão a toda a gente. É que no mar os homens correm as

(14) José Maria Claro Outeiro - Capitão do Porto de Olhão - “Apontamentos Sobre o Estado das Pescas na área da Capitania do Porto de Olhão” - Imprensa Nacional - Lisboa 1922

(15) J. Leite de Vasconcelos - “Etnografia Portuguesa” - Vol. IV Pág. 593
Imprensa Nacional 1958

mesmos perigos. Arriscam a vida para salvar os outros, hoje por ti, amanhã por mim. São generosos, imprevidentes e comunistas. Detestam os tribunais, que não compreendem. Ignoram a vida da terra.”⁽¹⁶⁾

O analfabetismo entre os pescadores era uma chaga que não os inquietava. “ O ser analfabeto não os preocupava. Pois os seus pais e avós que nunca tinham pegado numa cartilha, não viviam como toda a gente ? Não dançavam à volta de um mastro nas festas populares como todos os outros ? E não carregavam o andor na Procissão do Senhor dos Passos durante a Semana Santa?

Os próprios pescadores achavam que saber ler e escrever, não lhes vinha encher o barco de peixe. O que era preciso, era ser um bom “Pedreiro” que soubesse onde estava o peixe, ou então chegar a “Mestre”. Isso sim era o que importava e dava prestígio.”⁽¹⁷⁾

À data da sua chegada a Olhão, a vila já contava com cerca de 20 fábricas de azeite ou molhos e quase outras tantas de salmoura. Este elevado numero, deveu-se aos fornecimentos para os países envolvidos na guerra, e para uma Europa devastada.

A primeira fábrica, foi instalada em 1882, pela firma francesa F. Delory, e outras se seguiram, como mais adiante iremos explicar com todos os pormenores.

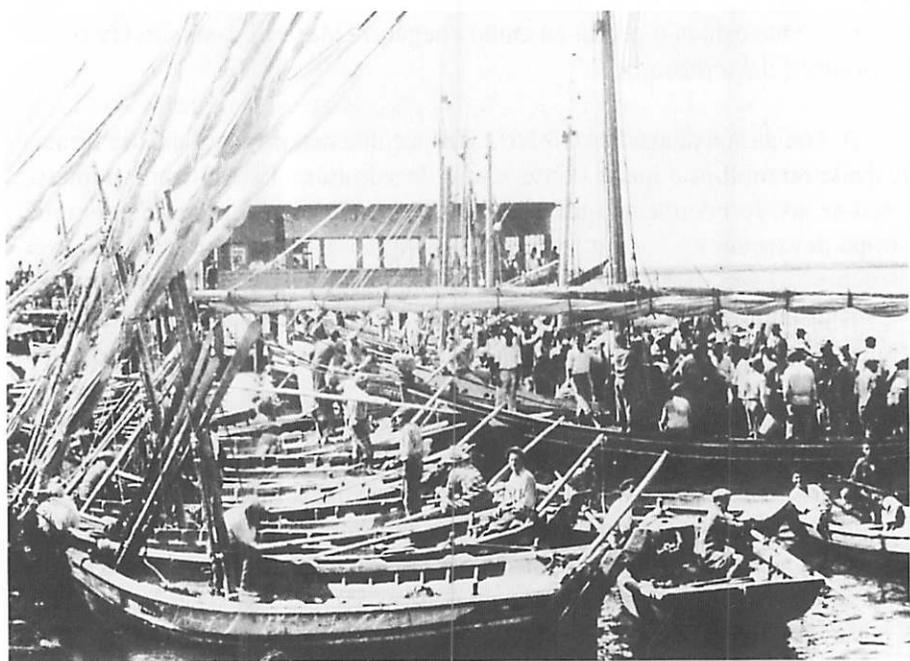
Ao contrário daquilo que se pode supor este novo surto industrial, todas estas novas fábricas, não conseguiram trazer para a população a abundância e o bem estar que se esperava. Os salários eram baixos, a dureza do trabalho e o abandono dos filhos, o frio que sofriam durante longas horas de tarefas executadas ao ar livre, tudo isto criava um clima de miséria e frustração. Depois vinham os largos períodos de defeso, em que não se pescava a sardinha. Eram os meses da fome e do sofrimento.

Por 1918 e 1920, foram os anos em que faltaram os géneros. Não havia farinha.”Começava-se a farinar feijão branco, para dar farinha, as padarias aumentavam o preço do pão. Protestava-se por ter sido autorizada a exportação do figo. Assim a província do Algarve ficava “Sem Pão e Sem figos”, isto era um duplo inconveniente, já que os figos substituíam o pão e era um grande alimento das classes mais pobres.”⁽¹⁸⁾

(16) Raúl Brandão - “Os Pescadores” - Porto Editora 1990

(17) João Villares - “Olhão e Abílio Gouveia” - Edç. da Câmara Municipal de Olhão - 1994

(18) Jornal “O Algarve” de 31/3/1918



UMA VISTA DA LOTA, NO TEMPO DE ANTÓNIO JACINTO
FERREIRA

A situação no mar, também não era pacífica, junto à costa. Os espanhóis acoados pela falta de peixe, vêm pescar em águas portuguesas. Geram-se conflitos, por vezes disparam-se tiros. Por sua vez a situação política em Lisboa é caótica. Em Olhão, cada partido político procura assaltar a presidência da Câmara Municipal. Nesse ano o Presidente da República, Sidónio Pais, visita Olhão. Corre uma esperança de melhorar as condições de vida dos pobres. Mas pouco depois o presidente é assassinado, as dificuldades aumentam e as bichas continuam à porta das padarias e o preço da batata sobe escandalosamente. Surgem algumas greves que por vezes causam feridos.

Falta o tabaco, o que trás os fumadores desesperados. Quando constou que uma casa de Faro, tinha recebido um contingente, tudo corre para lá. Foi tal o aperto dos consumidores, que os vidros do estabelecimento ficaram estilhaçados.⁽¹⁹⁾

O Ano de 1918. Para além de tudo isto, sofre-se o desastre do Corpo Expedicionário Português em França, e ainda está sempre presente, a ameaça da gripe pneumónica, sobre Olhão.

Como já vimos, as condições de trabalho eram deploráveis. Mas para além disso, em 1918, não havia o horário laboral de oito horas. Pois no entender de muitos, isso viria a representar o futuro encarecimento da vida para todas as classes.

Mas o pior, explicavam os mais espertos, o trabalhador tendo mais tempo de folga, iria arranjar um segundo trabalho, o que não lhes permitia descansar devidamente.

Outras cabeças bem pensantes, opinavam que semelhante medida, seria uma catástrofe, pois o operário gozando dessa regalia, iria passar mais tempo na taberna.⁽²⁰⁾

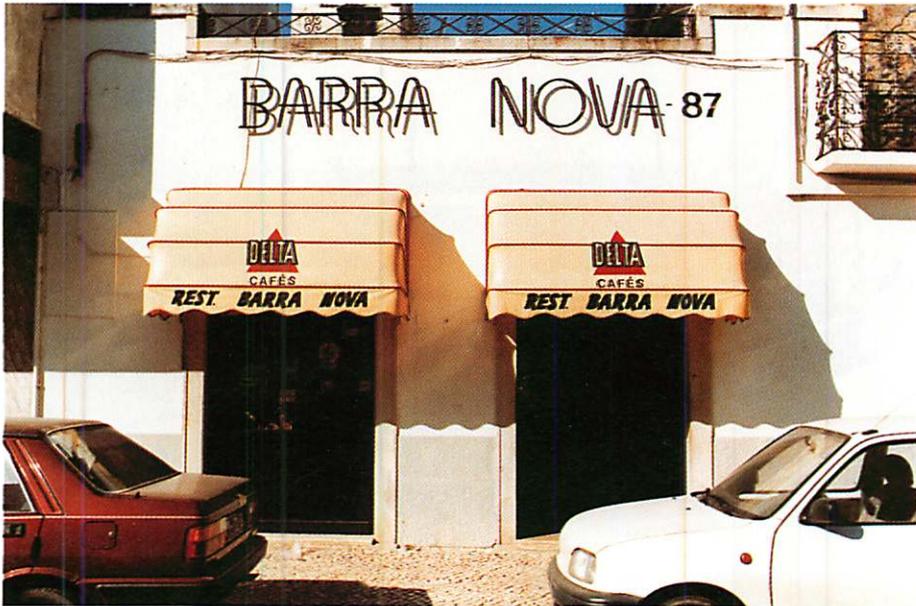
O mais saudável seria continuar a trabalhar, oito, Dez ou Doze horas por dia, com um pequeno descanso para comer uma bucha, para as pessoas manterem os bons hábitos, e gozarem de boa saúde.

Era isto que discretamente se sugeria, em certa imprensa da época.

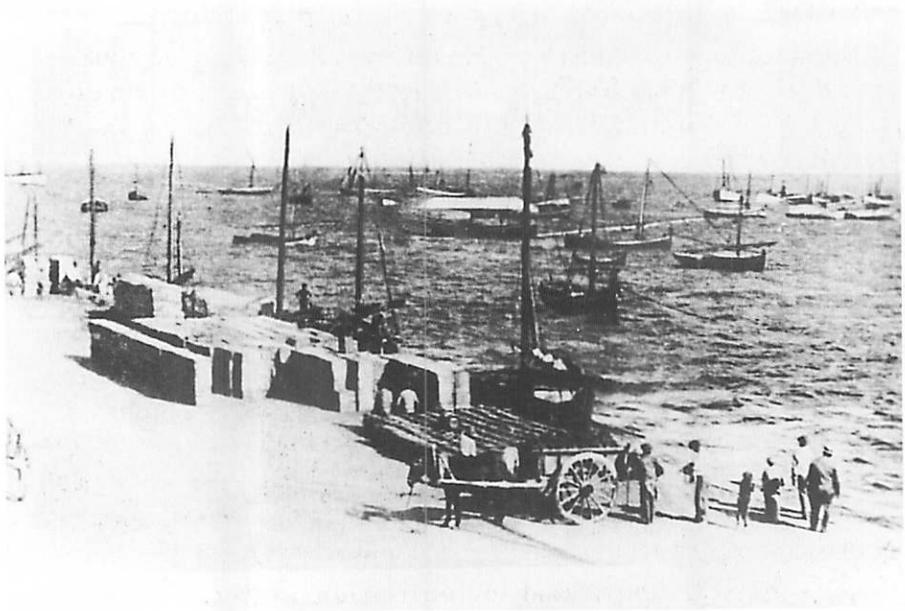
(19) Libertário Viegas - "O Algarve Através do Algarve" - Faro 1908-1926.

(20) Libertário Viegas - "O Algarve Através do Algarve" - Faro 1908-1926

Os açambarcadores engordavam. Cada merceiro por especial favor lá ia vendendo 100 gramas de assucar de vez em quando. Entretanto alguns jornais mais “caridosos” vinham ensinar ao povo, a melhor maneira de aproveitar as cascas das ervilhas e das favas e com elas cozinhar um excelente prato...



A "BARRA NOVA" NO LARGO DA ALFÂNDEGA ONDE FOI A
ESTALAGEM DO PORTELA.
FOI AQUI QUE ESTABELECEU O SEU PRIMEIRO ARMAZÉM.



O CAIS DE EMBARQUE DAS CONSERVAS DE OLHÃO, NO TEMPO DE ANTÓNIO JACINTO FERREIRA.